

SOBRE VIVER2

Copyright © Sofia Débora Levy, 2023

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO

CAPA Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3353-2236 / 2215-3781 / 993801465
www.letracapital.com.br



CINCO RELATOS

SOBRE VIVER²

ANTES, DURANTE E DEPOIS DO HOLOCAUSTO
por homens e mulheres acolhidos no Brasil

Sofia Débora Levy (org.)

LETRACAPITAL

*O esquecimento significaria perigo e insulto.
Esquecer os mortos seria matá-los pela segunda vez.
E muito embora, com exceção dos assassinos e seus cúmplices,
ninguém seja responsável por sua primeira morte,
todos o somos pela segunda.*

Elie Wiesel

Sumário

Prefácio.....	9
Introdução	11
Alfred Gerhard Sobotka.....	13
Bela Lustman.....	59
Edith Yanitchkis	75
Freddy Siegfried Glatt.....	105
Josef Lustman.....	203
Glossário	229

Prefácio

Historiadores, escritores, cineastas, filósofos, teólogos, Cientistas sociais empenham-se, há décadas, no estudo dos numerosos e variados aspectos do nazismo e da destruição dos judeus, incluindo o complexo papel dos perpetradores, experiência das vítimas, e as respostas a isso, inclusive, das nações que se mantiveram neutras e das agências e órgãos religiosos que não atenderam, à altura, à catástrofe que se prenunciou.

O material que já foi publicado sobre o Holocausto, nas mais diversas línguas, deveria bastar para que, tanto os diversos povos, como as pessoas mais reticentes em relação aos trágicos eventos do século passado, aceitassem que a responsabilidade por aqueles acontecimentos deve ser divulgada e transmitida às gerações seguintes. Mas, sabidamente, não é esta a realidade, pois negacionistas e revisionistas despontam em todos os campos. Nos tempos contemporâneos, situações que vão de discriminação a ódio das mais variadas categorias, comprovam que o conhecimento do que ocorreu na II Guerra, que exterminou grande parcela do povo judeu e desfalcou, gravemente, diversas populações europeias, não foi suficientemente assimilado, e isso abre portas para que novos movimentos antissemitas, aos quais se agrupam racistas e xenofóbicos de todos os naipes, as disseminem.

Embora a negação do Holocausto pareça inimaginável, há quem se empenhe em propagá-la. Grupos antissemitas estão prontos a abraçá-la avidamente. Outros, ignorando o incrível número de fatos que refutam sua teoria, inclusive que os próprios perpetradores não negaram seu papel, usam essas reivindicações para fins políticos e raciais.

Simultaneamente, gerações mais jovens parecem desejosas de ouvir estas reivindicações com base em que tudo deve estar aberto ao debate e que não podem aceitar nada como verdadeiro se não o veem ou o experimentam por si mesmos.

As duas melhores maneiras de responder a esses ataques mal-intencionados são: educar potenciais ouvintes, para deixar claro que as evidências do Holocausto são tão esmagadoras que aqueles que

tentam negar a sua existência não estão, realmente, interessados em buscar a verdade, mas têm outros objetivos em mente. Os fatos podem não deter os negadores, mas irão demonstrar para os demais que estes não são indivíduos desinteressados, engajados em uma busca histórica benigna.

O outro meio é dar voz às testemunhas: deixar aqueles, que não estiveram lá, ouvirem aqueles que estiveram. Nenhum indivíduo pode contar toda a história, mas, juntas, as vozes daqueles que sobreviveram são capazes de criar um impacto. Só eles podem dizer “Eu estive lá, isso é o que fizeram comigo, com a minha família, com a minha comunidade.” Os depoimentos podem ser simples, imprecisos por vezes, com falhas nas narrativas; muitos deles demoraram décadas para serem expressos; houve quem considerou que o mundo não estava interessado em ouvi-los ou que suas palavras seriam recebidas com descrédito. Mas são as palavras de quem passou por lá e sobreviveu, que se somam a milhares de entrevistas coletadas no mundo todo, que constituem a voz mais poderosa, ainda que pequena, que clama em amargo testemunho.

Este novo conjunto de entrevistas, realizadas com esmero por Sofia Débora Levy, cumpre este papel e mais, expõe como sobreviventes criaram raízes e se estabeleceram no Brasil. À Sofia, o devido mérito pelo ouvido atento e empenho que culmina com a publicação deste livro; aos entrevistados, a gratidão pela contribuição que prestam com a força do testemunho.

(Texto inspirado na atuação de Deborah E. Lipstadt, Embaixadora e Emissária Especial para Monitorar e Combater o Antissemitismo nos Estados Unidos)

Nancy Rozenchan

Prof.^a Sênior da Universidade de São Paulo

Introdução

Os sobreviventes, cujas histórias apresentamos em *Sobre Viver 2*, concordaram em prestar o seu testemunho, a fim de colaborar com a preservação da memória da *Shoah* e para que nunca mais se repita a tragédia do Holocausto.

As entrevistas, aqui apresentadas, integram a pesquisa “Revisionismo e negacionismo histórico: efeitos na memória social de sobreviventes do Holocausto e seus descendentes”, que realizei, durante o meu Pós-Doutoramento em Memória Social, junto à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e foram coletadas entre os anos de 2016 e 2019, no Rio de Janeiro, cidade de residência dos depoentes.

Assim como as publicadas em *Sobre Viver* (1ª ed. Relume-Dumará, 2006; 2ª ed. Mauad, 2022), as entrevistas, aqui apresentadas, foram elaboradas nos moldes de investigação de história oral, mais especificamente das histórias de vida, em que coletamos dados, desde as memórias de infância até os dias atuais, conferindo especial atenção ao assunto específico pesquisado. As entrevistas foram por mim elaboradas, gravadas em áudio, transcritas e, por fim, revisadas junto a cada depoente.

Em *Sobre Viver 2*, além da história da sobrevivência, antes, durante e depois do Holocausto e a vinda para o Brasil, investigamos também o impacto do revisionismo e negacionismo histórico do Holocausto nos entrevistados. O negacionismo histórico nega a existência do fato em questão; o revisionismo diz que o fato não aconteceu na proporção em que as vítimas relatam. Ambas as correntes questionam a veracidade dos relatos das vítimas e vêm ganhando espaço, quanto mais o tempo avança e nos distancia do trágico período de 1933-1945, quando o nazismo vigorou em vários países da Europa.

Durante a pesquisa, procurei investigar como se sente uma pessoa que tem a sua história negada, adulterada ou deturpada por outrem? Acaso as expressões revisionistas e negacionistas geram novos traumas nos sobreviventes?

As respostas indicam que não. No entanto, reações de indignação, revolta, raiva, sim, se fazem presentes. O fato das expressões deturpadoras da história do Holocausto se darem longe das regiões onde residem hoje, nas quais, ao contrário, os sobreviventes se sentem respeitados, integrados e seguros, contribui para que as expressões negacionistas e revisionistas não gerem novos traumas.

Além disso, os próprios encontros para levantamento dos dados foram pautados numa escuta atenta, compreensiva e crível, para que os sobreviventes pudessem se sentir acolhidos para compartilhar lembranças, profundamente, dolorosas de suas vidas. Com isso, puderam dar o seu depoimento, como um investimento e alerta para o presente e para o futuro.

Minha gratidão a Alfred Gerhard Sobotka, Bela Lustman (Z'l), Edith Yanitchkis, Freddy Siegfried Glatt (Z'l) e Josef Lustman (Z'l), pela disposição em compartilhar vivências tão intensas, fortalecendo nossos laços de amizade, inclusive com seus filhos e netos. Meus sinceros agradecimentos aos nossos apoiadores, Arthur Sendas Filho e Rogério Chor, Tomer Chor, Guili Chor e Beny Chor, que, com sensibilidade e generosidade, reconheceram a importância da publicação desta obra. A todos, meu carinho.

Sofia Débora Levy



ALFRED GERHARD SOBOTKA

PRAGA, 1948

Dados Pessoais

Nome atual:

Alfred Gerhard Sobotka (apelido Freddy);

Nomes anteriores (antes e durante a ocupação):

número tatuado em Auschwitz: B – 11754;

Data de nascimento:

03 de junho de 1928;

Local de nascimento (província, cidade, país):

Praga, Tchecoslováquia;

Cidade de residência ao tempo da invasão nazista:

Praga;

Ocupação antes, durante e depois da guerra:

Antes – estudante;

Durante – trabalhos forçados no campo de concentração de Gleiwitz;

Depois – ourives;

Ocupação atual:

comerciante/ ourives;

Atividade na comunidade judaica antes da guerra:

estudava no Colégio Judaico em Praga.

HISTÓRIA FAMILIAR

Nome do pai e ocupação:

Erwin Sobotka – representante geral de indústria têxtil, e comerciante de tecidos e tapetes;

Nome de solteira da mãe e ocupação:

Maria Jakobowicz – do lar;

Nome e data de nascimento de irmãos e ocupação antes guerra:

– Tomás Robert Sobotka – 22 de abril de 1932; estudante no Colégio Judaico de Praga;

Há outros sobreviventes de sua família? Onde estão?

Não.

ALFRED GERHARD SOBOTKA (FREDDY)

Depoimento do sobrevivente

Sofia – Freddy, quais são as suas remotas lembranças de infância? Como era a vida em Praga, na Tchecoslováquia?

Freddy – Era um paraíso. Tínhamos uma vida muito bonita. Duas vezes por ano, íamos esquiar na República Tcheca. As férias, geralmente, eram na Áustria, na Polônia, na Alemanha. Tínhamos uma boa vida. Dinheiro não faltava lá. Se minha mãe precisava de alguma coisa, ia até o meu avô materno, Salo Jakobowicz.

Dos meus avós, a única que sobreviveu à guerra foi minha avó paterna, austríaca, Ida Sobotka. Sobreviveu no campo de Theresienstadt, onde ficou até o fim da guerra. Ela sobreviveu aos seis filhos. E, depois, eu fui visitá-la, na Copa do Mundo de 1958, em Viena. Eu quis trazê-la para cá, mas ela não quis. Falou que uma árvore velha não se transplanta. Faleceu lá, em Viena, onde morava, num asilo de velhos. Ela foi a única sobrevivente da família Sobotka, além de minha mãe, Maria Sobotka, e eu.

Em Praga, tínhamos um lindo apartamento, de seis quartos, na antiga Rua Bělska, 12. E um lugar importante era o banheiro, porque os judeus não podiam comprar carvão, nem madeira, durante o inverno. E a temperatura chegava a menos 20, menos 30 graus – a gente ia morrer de frio. Assim, colocávamos uma tábua sobre a banheira e ali sentávamos, almoçávamos e jantávamos no banheiro e, para nos aquecer, ligávamos o aquecedor de gás, que esquentava o ambiente. Então, nosso lugar preferido era o banheiro.

Tempos depois, a Rua Bělska mudou de nome. Uma vez, fui visitar o prédio com minha mulher e não quiseram me deixar entrar, porque hoje funciona um banco lá. Minha filha fez um escândalo, e, aí, nos deixaram entrar. Mostraram o salão de almoço, a cozinha, o meu quarto



Maria Sobotka.
(Fonte: arquivo pessoal)

e do meu irmão, o quarto da minha mãe e do meu pai. Até hoje, é um lindo apartamento.

Sofia – Na sua infância, você estudava num colégio judaico, em Praga?

Freddy – Sim, no Colégio Judaico, que ficava perto da minha casa.

Sofia – Freddy, você teve um irmão...

Freddy – Sim, Thomas, quatro anos mais novo. Ele não sobreviveu à guerra. Foi junto com meu pai, Erwin, para a câmara de gás. Meu pai não precisava ter morrido. Mas, como todas as crianças até 10, 11 anos, automaticamente, eram eliminadas, e não se sabia para onde iam, ele não quis se separar do meu irmão, e foi junto com ele para o gás. Senão, meu pai iria sobreviver, tenho certeza.

Sofia – Como você soube disso, Freddy?

Freddy – Porque eles não apareceram, depois da guerra. Nós esperamos, um mês, dois meses, acontecer um milagre; mas, depois, a gente soube que as crianças acompanhadas dos pais foram eliminadas. Enfim, ele morreu por causa do meu irmão – eu sabia que meu pai não o deixaria sozinho.

Sofia – Freddy, voltando a falar ainda sobre o antes da ocupação nazista. Como era a vida para os judeus em Praga? Havia antisemitismo antes da invasão nazi?

Freddy – Não, não sentimos não. A colônia judaica era muito forte lá. Todos tinham dinheiro. Minha mãe jogava cartas, era a ocupação dela. Acordava às 11h da manhã, jogava cartas de tarde. Mas, coitada, pagou todos os pecados depois. Ela tinha uma vida de rainha, né? Ela nunca levantava antes das 10h. Tínhamos empregadas em casa. Eu tinha uma babá alemã, alemã daquelas rigorosas! Ela ficou conosco até a ocupação nazista, quando, logicamente, ela saiu, porque senão iriam sacrificá-la também, por estar junto com judeus.

Sofia – Quando ela teve que ir embora, ela chegou a tomar raiva de vocês, a maltratar vocês, conforme os ditames nazistas?

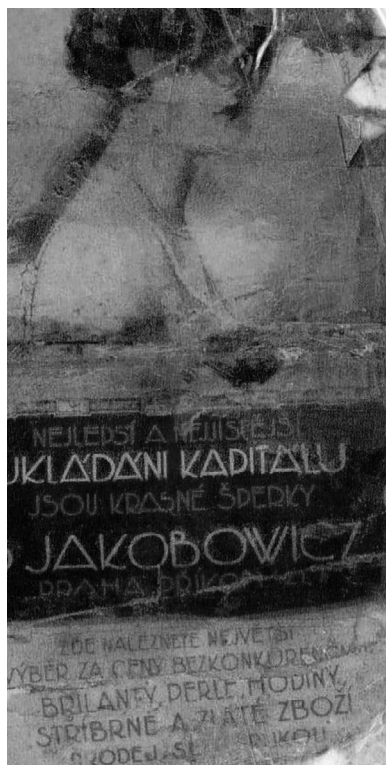
Freddy – Não, nunca.

Sofia – Como eram as atividades dos seus avós antes da ocupação nazista?

Freddy – Meu avô materno, Salo Jakobowicz, casado com minha avó Amália (sobrenome de solteira Bergmann), era um dos maiores joalheiros de Praga, e trabalhava com seu filho, meu tio Kurt.



Avós Salo e Amália Jakobowicz.
(Fonte: arquivo pessoal)



Propaganda da joalheria S. Jakobowicz: “A melhor aplicação de capital é comprar na joalheria Salo Jakobowicz”. (Fonte: arquivo pessoal)

Meu avô paterno, Herman Sobotka, já era um senhor de idade, nascido em Viena, como minha avó Ida e meu pai, Erwin. Em Viena, ele tinha uma grande loja de tecidos. Também estávamos sempre no ramo de tecidos. Todos os domingos, íamos, a pé, almoçar na casa do meu avô paterno.

Sofia – Por que seus avós paternos foram para Praga?

Freddy – Não sei, emigraram. Não sei se foi por causa do antissemitismo, ou por melhores oportunidades de negócios, não sei dizer. Mas alguma razão havia. A República Tcheca, antes da guerra, mandava na Europa, porque, tecnicamente, era mais avançada. Pouca gente sabe disso. O primeiro carro com tração traseira foi tcheco, o *Tatra*. Todo mundo beijava a mão dos tchecos. Eles tinham as maiores

indústrias da Europa. Por causa disso, pode ser que meu avô paterno tivesse visualizado um futuro melhor ali. E da República Tcheca, tudo distava meia hora – Áustria, Polônia, Romênia, Eslováquia. Além disso, meu pai deve ter aconselhado ele a vir, e, depois, ainda conheceu a minha mãe, e a família quis ficar próxima, todos juntos.



Freddy com seu pai, Erwin, seu irmão Thomas e seu cachorro Whisky, em Praga, 1939.

Sofia – Você lembra se seus avós paternos falavam com saudades da Áustria, de Viena?

Freddy – Eles falavam das músicas...

Sofia – Quando seu avô paterno Herman veio para Praga, ele continuou no mesmo ramo de tecidos?

Freddy – Sim, no ramo de tecidos. Meu pai, fora da loja, tinha representação de uma grande indústria de tecidos, *Zilienska Sukena Tovarna*. E meu avô era sócio do meu pai na firma “*Sobotka e Cia*”. A loja ainda existe, eu visitei depois da guerra, mas tem outro nome. Praga não mudou nada. Todo o centro, e Praga como um todo, continua como era há 100 anos. É proibido construir prédios no centro; tudo novo foi construído fora de Praga.

Sofia – É por isso que dizem que Praga é tão bonita?

Freddy – É linda, tem nem sei quantas igrejas, e tudo o mais...

Sofia – Por falar em igrejas, Freddy, vocês tinham sinagogas antes da ocupação nazi?

Freddy – Sim, muitas e todas continuam lá. No bairro judaico, tem umas seis sinagogas. Não se mexeu nelas. Praga não foi destruída, não foi bombardeada, nada. Os alemães quiseram guardá-la como prêmio. Não foi como Varsóvia, que arrasaram. Eles queriam Praga para eles. Até hoje, tem sinagogas, e a mais velha, chamada Sinagoga Antiga-Nova, é a mais antiga da Europa – ela é subterrânea. E, nas paredes da sinagoga Pinkas, foram escritos, à mão, oitenta mil nomes de judeus tchecos, que foram assassinados no Holocausto nazista, inclusive os nomes do meu pai, irmão, tio, primos: os Sobotka.

Sofia – Você e sua família frequentavam sinagoga?

Freddy – Todo sábado, meu pai ia à Sinagoga Espanhola, que ficava perto de casa, e me levava com ele. E tinha um mendigo, que esperava o meu pai, porque sabia que ia ganhar gorjeta. Todo sábado! Nunca esqueci que, nos feriados judaicos, ele pedia um valor maior de gorjeta. Era um profissional.

Sofia – Em que rua ficava essa sinagoga que vocês frequentavam?

Freddy – Fica no centro judaico, que existe até hoje. E onde tem a prefeitura judaica – na Rua Maiselova, 18.

Sofia – Essa sinagoga era ortodoxa?

Freddy – A Sinagoga Espanhola era tradicional, não era ortodoxa. Pelo menos, eu não via pessoas com *peyots*, não. Em casa, nós não éramos *kasher*, mas meu pai respeitava os sábados, os feriados, o *Yom Kipur*...

Sofia – Vocês comemoravam as festas judaicas em casa?

Freddy – Sim, na casa do meu avô materno, principalmente. Eu saía todo sábado com meu avô materno, Salo, para passear, e sempre voltava com meu estômago estragado, porque nós dois sempre comíamos muito. Um dia, minha mãe disse: “Ele não vai sair mais com você. Toda vez ele volta doente!”. Eu nunca vou esquecer que, uma vez, nós fomos numa feira, onde tinha uma exibição de uma mulher de 400 kg. Para botar a mão na coxa dela custava, digamos, uns 5 reais – e, eu e meu avô, nós íamos 10 vezes! Tem coisas que você não esquece...

Sofia – Você diria que você teve uma infância feliz?

Freddy – Muito! Eu não gostava muito que meus pais iam para hotéis de luxo e eu ia para a fazenda, acampar com os amigos. Eu